PREFERÊNCIAS COOPERATIVAS EM CRIANÇAS COM TRÊS ANOS DE IDADE E SUAS MÃES DEPRIMIDAS E NÃO DEPRIMIDAS NO POS PARTO

Laura Cristina Stobäus

Orientador: Vera Silvia Raad Bussab

Co-orientadora: Maria Lúcia Seidl-de-Moura

Contato: stobaus@usp.br

Programa: Psicologia Experimental

Nível do trabalho: Doutorado

Resumo

Introdução

Estudos sugerem que a depressão pós-parto (DPP) ocorra aproximadamente entre 10 a 20% das mulheres nos primeiros seis meses após o parto, e que um dos efeitos mais importantes diz respeito ao comprometimento da interação mãe-bebê se refletindo nas trocas sociais e no desenvolvimento cognitivo e emocional da criança. Este trabalho é parte integrante do Projeto temático Fapesp nº 06/59192 “Depressão Pós-Parto Como Um Fator De Risco Para O Desenvolvimento Do Bebê: Estudo Intedisciplinar Dos Fatores Envolvidos Na Gênese Do Quadro E Em Suas Conseqüências” sob a ótica evolucionista. A depressão pós-parto na linha evolucionista é considerada uma estratégia utilizada pelas mães para obterem maior investimento parental para seu filho, principalmente do pai da criança.

Para que uma criança possa cooperar com outra pessoa, ela precisa ter a representação interna de suas intenções e de seus objetivos, para então inferir que o outro também possui desejos e intenções semelhantes à suas, isto é uma Teoria da Mente, para posteriormente poder fazer correlações mentais que existe conexão entre seu comportamento e o do outro. Com um ano de idade a criança consegue distinguir um agente cooperativo de um trapaceiro (ou não cooperativo). No terceiro ano de vida as crianças se tornam mais compreensivos às ações e aos desejos dos pares, podendo influenciar o comportamento e os objetivos dos outros e entender quando o objetivo do outro não foi alcançado.

Objetivo

O objetivo deste estudo é analisar se esta situação sócio-afetiva de criação (DPP) gera diferenças no desenvolvimento sócio emocional e cognitivo da criança e o recurso utilizado para avaliar esta possibilidade foi através de tarefas de cooperação.

Método

A amostra é composta por 50 crianças com três anos de idade, 16 meninos (32%) e 36 meninas (68%). Deste grupo 25 mães apresentaram DPP aos 4 meses, foram avaliadas pela Escala de Depressão Pós-Parto de Edimburgo (EDPE) e consideradas deprimidas as mães com pontuação maior ou igual a 12. A parte experimental do estudo foi aplicada no Laboratório do Instituto de Psicologia na

Universidade de São Paulo IP-USP. Duas tarefas de cooperação foram propostas: pegar um objeto que o experimentador deixa cair ao solo e ajudar a mãe a guardar brinquedos na caixa. Em uma tarefa o objetivo é de ajudar o experimentador, uma pessoa até então desconhecida e na outra é o de ajudar a mãe. Foram analisados os resultados dos dois testes de cooperação (ajudar mãe e ajudar experimentador), DPP e sexo da criança.

Resultados parciais

Não houveram diferenças significativas entre os resultados de cooperação entre as crianças de mães com e sem DPP, nem entre ajudar a mãe ou o experimentador. Dentre as crianças cujas mães tiveram DPP, 14% ajudaram o estranho e 24% ajudaram as mães, em contrapartida das crianças de mães não deprimidas, 34% ajudaram o estranho e 44% ajudaram as mães, mostrando uma diferença entre os grupos, embora não significativa estatisticamente. Embora não tenha havido diferença significativa entre os sexos nesta categoria, meninas tenderam a cooperar mais ($x^2=4,17$, $p=0,67$; 56% x 26%). Na categoria específica de ajuda ao experimentador, meninas cooperaram significativamente mais do que os meninos ($x^2=6,04$, $p=0,02$, 71% x 30%).

Discussão

Concluimos que a DPP materna influenciou algumas das respostas cooperativas das crianças, especificamente quanto à pessoa desconhecida. Evidentemente, a mãe, além de conhecida, ocupa lugar central na constelação afetiva da criança e isto deve ser levado em conta na discussão. Ainda assim a familiaridade parece relevante neste contraste de efeitos da DPP: a menor colaboração com a pessoa estranha pode representar dificuldade de estabelecimento inicial de relações no caso das crianças de mães com DPP. Também merece destaque a interação com o sexo da criança: como as meninas apresentaram mais propensão à ajuda do desconhecido do que os meninos, precisa-se avaliar, cercado-se de novos dados, se os meninos são mais afetados neste aspecto pela DPP materna.

Considerações Parciais

Os resultados são compatíveis com a suposição de que a condição de DPP afeta de modo complexo os processos subjacentes à interação social com pessoas não conhecidas e com a mãe. Não indicam um prejuízo generalizado na capacidade de assumir a perspectiva mental do outro, uma vez que a ajuda à mãe se processa da mesma maneira nos dois grupos. Mas mostram uma resistência à ajuda ao desconhecido, na condição DPP, especialmente no caso dos meninos. De um modo geral, a constatação deste tipo de efeito da DPP no desenvolvimento da criança contribui para uma compreensão mais ampla do processo. Além disso, a constatação destes efeitos ligados à inserção social da criança confere importância adicional à prevenção e à intervenção.

Palavras-chave: Depressão pós parto. Desenvolvimento infantil. Comportamento prosocial.

Agências financiadoras: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

(FAPESP), Deutscher Akademischer Austausch Dienst (DAAD – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico).

Trabalho apresentado no VIII Congresso Brasileiro de Psicologia do Desenvolvimento, Brasília, DF, 12 a 15 de novembro de 2011.